



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Cembo, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhoba*-Lisboa • Telefone 5339 0.
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UMA JORNADA REVOLUCIONÁRIA

A CONFERÊNCIA DO DR. CAMPOS LIMA

sobre as propostas de finanças

A conferência realizada ontem no Teatro Nacional foi, acima de tudo, uma demonstração eloquente do espírito de revolta que nas massas trabalhadoras prepondeera. O nosso amigo dr. Campos Lima propôs-se, a convite da C. G. T., analisar as propostas de finanças do sr. Cunha Leal. O resultado dessa análise apresentou ontem, perante uma assistência numerosíssima, que absorveu ansiosamente as suas palavras, aplaudindo-as muitas vezes e paleteando principalmente o seu acordo nas passagens em que o orador apresentava a luminosa verdade revolucionária, pondo-a em confronto com a mentira burguesa.

O teatro reuniu os mais esforçados membros da família operária. A plateia regorgitava de elementos conhecidos e prestimosos. Os camarotes repletos apresentavam um aspecto inédito. A lotação regular do teatro foi excedida até os pontos máximos. E nenhuma première sensacional conseguiu chamar à ampla casa tan numerosa concorrência.

A apresentação

Por volta das quinze horas o camarada Manuel Joaquim de Sousa abriu a sessão. — A atitude da C. G. T., disse ele, não tem nenhum ponto de contacto com a atitude das forças vivas. A. G. T. repreva as propostas de finanças por que elas veem sobrecarregar as classes trabalhadoras, já duma maneira directa, pelas aplicações de impostos que recaem sobre o exercício dum profissão, já duma maneira indirecta, visto que as contribuições incidindo sobre as classes capitalistas serão encaradas ao proletariado. Observa-se no nosso país um profundo desequilíbrio económico; mas dele não foram responsáveis as classes laboriosas, que, pelo contrário, várias vezes demonstraram o seu desejo de colaborar na ressurreição económica do país.

— Sobre quem vão recair os impostos consignados nas propostas de finanças? — pergunta Manuel Joaquim de Sousa. — Vão recair, em última análise, sobre os consumidores. Ora a maioria dos consumidores pertence à classe operária. E os operários, que já há muito vivem numa situação difícil, verão essa situação mais agravada ainda com as propostas do sr. Cunha Leal. Se alguém deve pagar, é o comércio, é a finança, porque foram essas entidades que lhe raram nos torvos tempos da guerra.

Admitimos que o Estado tenha necessidade de aumentar as suas receitas, — por que motivo? Não nos compete a nós indicá-lo. Mas as propostas de finanças representam uma tremenda injustiça. O sr. Cunha Leal havia sido convidado a comparecer nesta reunião. Mas verifica-se que está ausente. Nem por isso a conferência do dr. Campos Lima deixará de realizar-se para exposição dum аналise às propostas há pouco apresentadas — conclui Manuel Joaquim de Sousa apontando o conferente à assembleia.

A conferência

O conferente ao tomar a palavra deixa-se numa situação embaraçosa, por ter de falar ali naquele teatro, um teatro normal cuja especial função é servir à arte. Entende que esse teatro deveria ser sempre resguardado das paixões políticas e exclusivamente destinado ao seu nobre objectivo. Assim não tem sucedido até hoje. Esse templo é de há muito profanado, não apenas pelo que de mau, em todos os tempos, por lá se tem representado, como pela sua adaptação por vezes a tablado de comédia. Mas está certo de que a C. G. T. ao trazer-lhe ao orador não quer com isso significar que, quando por ventura amanhã tiver esse teatro na sua posse, não como agora, por uma amável condescendência do sr. ministro de instrução, mas ao mesmo título por que poderá vir a dispôr d'outros edifícios públicos, não venha a restituir à sua missão, levando para outra parte os seus propagandistas.

Considera melindrosa a sua situação por ter de fazer nesse logar desastrosamente a singela exposição do que pensa; sem aquela preocupação estética que a esse mesmo logar conviria. De todos os assistentes depende contudo que uma alta manifestação de beleza nesse mesmo recinto se produzisse; e seria a da comunhão espiritual de todos, apesar de todas as divergências que os dividiam, procurando desse momento, com sinceridade, com amor à justiça, com o culto pela verdade, descontar a tendência, o caminho, a estrada luminosa que nos há de levar a uma sociedade melhor, de perfeição, de bondade e de união fraternal.

Não quer dar a sua palavra, ainda que tivesse engento para isso, beleza sugestiva dos grandes tropos de retórica, agitar as profundas emoções patéticas e levar os seus ouvintes, por esse determinismo especial que a arte produz, às perigosas ilusões da ideologia social; não vem criar deante da assistência o

romance maravilhoso dos mundos desconhecidos do futuro, embelezá-los, fazer emfim uma obra de estética. Mas desejaria, bem que aquele seu desprezível discurso lembrasse um pouco uma espécie de monólogo de mestre Gil Viana, em que passasse a imponente vibração da alma popular, com todas as suas aspirações e suas insinuadas dôres, monólogo recitado apenas com a intenção de para elas chamar o pensamento, não d'um rei, cujo domínio as sociedades modernas condenaram, mas d'aqueles que detêm hoje o poder político cuja primeira preocupação deveria ser a de aconselhar o próprio povo.

Não vai fazer uma verdadeira conferência, carregada de citações, removendo as várias teorias de imposto, em que pretenciosamente se alardeasse erudição, isso a que se poderia chamar uma lição de mestre. O sr. Cunha Leal poderia ter vindo ouvi-lo que, ele, orador, nenhum prazer teria em repetir a insólita e descabida impertinência com que um contraditor do ministro das finanças se permitiu corrigir-lhe as suas propostas como se estivesse na aula a emendar-lhe um tema. O conferente não era ali senão o porta-voz da C. G. T., o seu intérprete e o seu trabalho seria assim um simples elemento de informação, produzido com lealdade e sinceridade.

A sua apreciação das propostas de finanças teria um carácter de generalidade e contenderia principalmente com o sistema económico em que elas devem inspirar-se.

Friza que ao realizar aquela conferência não há nem da parte do orador nem da C. G. T. o propósito de hostilizar as instituições republicanas, acentuando quão conservadora e reacionária seria uma monarquia que agora se formasse. Também não ha o propósito de colocar em cheque o sr. ministro das finanças, alinhando ao lado de quantas forças vivas tem procurado esmagá-lo sob o peso dum campanha de difamação, feita com o principal objectivo de evitar a aplicação dum imposto, a que precisamente as classes exploradoras não tem o direito a exigir-se. O ponto de vista operário não se confunde de maneira nenhuma com o criterio burguês e capitalista e, discutindo as propostas do ministro, não negamos a necessidade de resolver a situação financeira. Apenas ela é para nós principalmente uma consequência de uma deficiente organização económica e não pode já ter outra solução que não seja uma solução socialista.

Passa a fazer uma rápida análise das propostas de finanças, acentuando os pontos em que delas discorda a C. G. T. Aprecia o primeiro capítulo da proposta de um imposto de rendimento. Traia-se nesse capítulo da contribuição predial rústica e estabelecem-se duas cédulas que parecem quererem corresponder a duas categorias económicas diferentes.

Passa a fazer uma rápida análise das propostas de finanças, acentuando os pontos em que delas discorda a C. G. T. Aprecia o primeiro capítulo da proposta de um imposto de rendimento. Traia-se nesse capítulo da contribuição predial rústica e estabelecem-se duas cédulas que parecem quererem corresponder a duas categorias económicas diferentes.

Para quê? Para se lhe lançar um imposto diferente? Assim deveria ser visto que numa das categorias pode haver rendimento que não seja exclusivamente de trabalho e na outra há exploração ou de exploração de trabalho de outrem. No capítulo poia a que o orador se refere deveria considerar-se o proprietário que recebe renda do prédio trabalhado por outrem e o rendeiro que trabalha em terra que não é sua, por si e por pessoas de sua família. Deveriam pagar por taxas diversas, uma mais violenta paga pelo que recebe as rendas e não produz, outra mais moderada paga pelo que trabalha e, além do imposto, tem de pagar a renda ao estrangeiro: pagará a contribuição a dobrar. Parece pois que esta distinção em categorias de contribuintes foi apenas para fins burocráticos, para uma melhor metodização na arrecadação do imposto.

O operariado no rendimento, qualquer que seja, não vê-se nenhuma das duas categorias económicas: rendimento de trabalho próprio e rendimento de especulação ou de exploração de trabalho de outrem. No capítulo poia a que o orador se refere deveria considerar-se o proprietário que recebe renda do prédio trabalhado por outrem e o rendeiro que trabalha em terra que não é sua, por si e por pessoas de sua família. Deveriam pagar por taxas diversas, uma mais violenta paga pelo que recebe as rendas e não produz, outra mais moderada paga pelo que trabalha e, além do imposto, tem de pagar a renda ao estrangeiro.

Haveria que distinguir ainda no rendimento do proprietário que com as pessoas da sua própria família cultiva a terra que possui, aquilo que em confronto com um rendeiro representa um benefício, sendo esta parte considerada como renda e sofrendo a taxa mais elevada. A mesma se deveria estabelecer no rendimento do próprio rendeiro que trabalha em terra que não é sua, por si e por pessoas de sua família. Deveriam pagar por taxas diversas, uma mais violenta paga pelo que recebe as rendas e não produz, outra mais moderada paga pelo que trabalha e, além do imposto, tem de pagar a renda ao estrangeiro.

Haveria que distinguir ainda no rendimento do proprietário que com as pessoas da sua própria família cultiva a terra que possui, aquilo que em confronto com um rendeiro representa um benefício, sendo esta parte considerada como renda e sofrendo a taxa mais elevada. A mesma se deveria estabelecer no rendimento do próprio rendeiro que trabalha em terra que não é sua, por si e por pessoas de sua família. Deveriam pagar por taxas diversas, uma mais violenta paga pelo que recebe as rendas e não produz, outra mais moderada paga pelo que trabalha e, além do imposto, tem de pagar a renda ao estrangeiro.

Deveria estabelecer-se um mínimo não colectável, mas apenas para o rendimento de trabalho e não para o rendimento de exploração do trabalho de outrem. Esse mínimo deveria ser o salário médio das classes trabalhadoras, como sendo o indispensável para viver e não os 30 escudos anuais que a proposta indica nesse capítulo nem os 150 escudos que indica para o rendimento de trabalho industrial no Capítulo III.

Frisa o conferente a circunstância de o imposto proposto pelo sr. Cunha Leal, sendo um imposto progressivo, não ser aplicado a todo o rendimento dum indivíduo, mas a diversos rendimentos globais, distribuídos por várias cédulas. Considera que, sendo o imposto progressivo um imposto com isso significar que, quando por ventura amanhã tiver esse teatro na sua posse, não como agora, por uma amável condescendência do sr. ministro de instrução, mas ao mesmo título por que poderá vir a dispôr d'outros edifícios públicos, não venha a restituir à sua missão, levando para outra parte os seus propagandistas.

Considera melindrosa a sua situação por ter de fazer nesse logar desastrosamente a singela exposição do que pensa; sem aquela preocupação estética que a esse mesmo logar conviria. De todos os assistentes depende contudo que uma alta manifestação de beleza nesse mesmo recinto se produzisse; e seria a da comunhão espiritual de todos, apesar de todas as divergências que os dividiam, procurando desse momento, com sinceridade, com amor à justiça, com o culto pela verdade, descontar a tendência, o caminho, a estrada luminosa que nos há de levar a uma sociedade melhor, de perfeição, de bondade e de união fraternal.

Não quer dar a sua palavra, ainda que tivesse engento para isso, beleza sugestiva dos grandes tropos de retórica, agitar as profundas emoções patéticas e levar os seus ouvintes, por esse determinismo especial que a arte produz, às perigosas ilusões da ideologia social; não vem criar deante da assistência o

DO MUNDO NOVO...

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA "ROSTA-WIEN")

Cursos por iniciativa dos operários

MOSCÓVIA, 7 — Para concentrar todos os esforços no futuro da instrução pública, o comissariado da instrução pública constitui um comité central do trabalho intelectual.

O comité central de educação pro-

A proteção à criança

MOSCÓVIA, 7 — Até ao dia 1 de Novembro de 1920 existiam na Rússia 112 azilos para mães e filhos; 182 consultórios; 567 creches; 270 azilos para todas as crianças de tenra idade; 159 azilos para menores de três anos; 92 centros de distribuição de leite; 71 ambulâncias; 33 escolas ao ar livre para crianças tuberculosas; 34 escolas-sanatórios para crianças gravemente doentes; 50 colônias para crianças; 194 institutos para crianças fracas de espírito; 41 escolas para pequenos surdos-mudos e 15 para os cegos.

A repartição para a proteção da criança compreenderá de futuro um *bureau* para a proteção dos direitos da criança. E este *bureau* que se incumbirá, entre outros assuntos, da luta contra a criminalidade infantil. O *bureau* propõe-se organizar uma "milição das crianças", cujos órgãos compostos de membros da Assistência Social, percorrerão as ruas, as *gares* e os mercados e conduzirão as crianças que se

jam encontradas em má companhia aos postos da milícia, donde serão transferidas para colônias ou outras instituições, criadas para preservar as crianças das doenças morais e físicas. A comissão dos mineiros, constituída no seu

deste *bureau*, examinará os casos de criminalidade infantil e decidirá os meios a empregar para fazer ao jovem criminoso um membro útil da sociedade.

Em Moscova acaba de ser ventilada a realização do primeiro congresso pan-russo da proteção à mãe e à criança.

A semana da criança na Ucrânia

deu muitos bons resultados. Todas as

forças pedagógicas e artísticas se pu-

ram, esta semana, ao serviço das crian-

ças. O governo fez distribuir 200.000

archives (medida russa que correspon-

de a 71 centímetros) de pano pelas

crianças. Os operários de Sarotof, con-

seraram voluntariamente as constru-

ções escolares. A quete organizada em

Astrakan deu dois milhões e meio de

rublos.

Tudo não; falta ali a fogeira para os livros heréticos. A omissão deve ser devida à necessidade de não des-

truir papel que há carência. (*)

No decreto relativo à *administração da justiça*, aparecem "três homens bons" a fazerem justiça, quer dizer, a exercerem o direito, com penas de desterro. Há apelação para os tribunais provinciais. Mas quem julga, quem aplica a justiça, nesses tribunais? São outros homens bons, porque há apelação para esses tribunais? E afinal, quem veem a ser esses homens bons, se não se trata apenas de mais uma expressão que se foi buscar a uma terminologia arcaica, julgando-se talvez que o remedio está em voltarmos à justiça patriarcal debaixo dum arco?

E a continuação do mistério, do decreto-énigma, a dar a impressão já apontada: a de que, sendo preciso fa-

lar-se em certas reformas, se arrumou o caso conforme se pode, tanto poden-

do ser aquilo como outra coisa. Assim

legisla-se para toda a Europa, em

todas as circunstâncias, livrando-se

uma pessoa dos apuros... em que os outros depois se haviam de ver.

O decreto complemento do anterior

que trata "do regime prisional" da

DEBATE DE OPINIÕES

A Revolução sem ditadura

O enigma e a opressão

destino aos criminosos. E decreto, em sete artigos, muito previdente, onde até não falta uma espécie de lei de 13 de fevereiro, que manda regenerarem-se para Angola, os que não estiverem de acordo com a ditadura.

Outro decreto-énigma é o que trata dos espectáculos públicos. São proibidas as peças pornográficas, as que desprazam o carácter da população e — se isto bavia de faltar — as que possam servir a fins de oposição política ao regime vigente; proibidas as fitas *políticas* e as que propaguem princípios contrários à prática das crianças e contrários à prática dos bons costumes; proibidas também as touradas e o *sport* violento.

Mas *o que é sport* violento, prática dos bons costumes, peças deprimentes do carácter, oposição ao regime... O que é isso? Quem definiu todas essas coisas, qual o critério que se segue para avaliar se o espetáculo é bom ou mau?

A sarabanda em que, neste decreto, andam a moral e a higiene e a política. Sem falarmos da liberdade coitadina, que mais uma vez era mimoseada com uma corda em volta do pescoco.

Os decretos que vêm depois são os que podemos chamar os decretos-cômodos, os taís em que se encarrega um conhecido técnico de fazer uma determinada coisa, como é souber entender.

Em conclusão: da leitura do programa do governo revolucionário, imaginado por C. Rates, fica-nos a impressão de que, para aí, se aquela ditadura fosse um facto, o resultado, a breve trocha, seria o que aparece sempre ou falta liberdade e abunda a confusão, provendo de se não saber, com precisão, o que se quer. E uma fantasia legislativa que, a aplicar-se, resultaria uma tremenda tragédia.

(*) A este respeito devo dizer que, discutido em tempos com C. Rates, o seu decreto, mostrou-se ele partidário dum regime menos duro. Tendo-lhe eu dito que preferia ao seu decreto o que se conta de Frederico II da Prússia que dizia: "Eu contratei com o meu povo" e dizia: "Eu contratei com o meu povo que me

UMA OBRA DE ÓDIO

O caráter de três fangantes

Não param, não cessam as perseguições nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Por cada dia que passa, por cada hora, por cada momento, nova medida, nova repressão, se regista a aumentar o número, a tornar mais intolerável a situação criada ao pessoal.

Já não bastam os insultos, os vexames de toda a ordem que sobre os ferroviários tem sido dadas, senão ainda o propósito em tornar impossível o auxílio que os ferroviários querem prestar aos seus camaradas presos e demitidos.

Acobertados com o nome do director dos Caminhos de Ferro, e com a força que este, militarmente, representa, todas as patifarias, todas as violências e todas as poucas vergonhas tem sido postas em execução pelos chefes de serviço, por essas criaturas, excessivamente cobardes, incapazes de assumirem a responsabilidade dos seus actos, quando soar a hora do seu julgamento.

Registam-se exceções e entre elas não poderemos esquecer a que foi praticada no início da greve, pelo ex-chefe de serviço de via e obras, engenheiro José Rodrigues Ascenção, coronel de cavalaria, que então recusou honradamente a exercer qualquer violência sobre o pessoal, preferindo a demissão a satisfazer os desígnios de Pinto Osório e de Velhinho Correia.

Esse homem afirmou-se sempre um carácter, pelo que pode contar com a estima e a consideração do pessoal sob suas ordens. Outros há ainda que, embora não tendo praticado um tanto nobre gesto, tem contudo tido um procedimento sem rancores e sem ódios, não agravando a situação dos seus subordinados. Mas outros tem procedido infamamente, juscamente mesmo.

Entre eles, figura o chefe do serviço do movimento, Joaquim José Fernandes, que tem perseguido os ex-grevistas com uma sanha verdadeiramente odiosa, inspirando quaisquer das ordens e manobras da direcção, indo ao ponto de determinar a proibição da cobrança das cotas para a Associação da Classe, nas estações da linha, como se fosse possível evitar que os ferroviários entreguem o seu dinheiro a quem quiserem.

No entanto, Joaquim José Fernandes é um tolerado dentro da classe, devendo o seu lugar à própria Associação, e aos homens que à sua frente permanecem, como a mim, e aos camaradas Manuel Entrudo Júnior, António José Piloti e outros, que pela linha procuram agitar as assembleias, conseguindo que sejam autorizadas.

As crónicas que praticaram agora, as patifarias e as perseguições que efectivamente serão lançados em conta, corrente, para que não passem ao olvido.

O tempo, porém, se encarregará de esquecer, porque para nós só o tempo será o vosso julgador, reduzindo-vos à impoténcia.

Não esqueci porém a lição dos factos, e continuo violentando, vexando, perseguiendo e insultando.

As demissões, as situações indefinidas, as transições, tudo isso é obra da vossa alma rancorosa e reacionária, sr. Joaquim José Fernandes...

Miguel CORRÉA.

A classe rural dorme

No período que atravessamos, de violências, perseguições, torturas e vexames, às classes trabalhadoras em geral, por parte dos governantes desitântica República, a classe rural dorme! Sim dorme! Não dá sinal de vida, porque se assim não fosse não teriam os governantes, — que por estranhas artes se tem guindado ao poder, — exorbitado da sua autoridade, proibindo reuniões públicas, encerrando associações legalmente constituídas, perseguindo, prendendo e torturando elementos operários, assaltando jornaes, tudo fora da chamada lei bailar deste país!

Diga-se em abôno da verdade: A classe rural, com o seu silêncio, tem sido conveniente com as arbitrariedades governamentais. Se não há convivência, é porque não há organização, e não havendo organização, porque é que os militantes rurais não se manifestam? Tendo a organização operária o seu órgão, não se compreende a falta de ilustração na classe rural. Sem sei que os militantes rurais já pouca ou nenhuma tem para os seus camaradas, devido à ignorância de uns e à má fé de outros; mas pela mesma razão é que deviam manifestar-se publicamente afim de a organização operária conhecer de perto a vida dos sindicatos rurais, porque presentemente há muita ilusão a propósito do seu movimento.

No momento presente, creio, e sem receio de desmentido, que não há organização rural em Portugal. A classe rural está num caos.

As associações que existem não tem vida, pouco mais fazem que passar e receber cotas aos seus já poucos associados. As direcções só se preocupam em administrar os interesses materiais da colectividade.

Não há propaganda sindical. Em Vila Franca de Xira, era um dever estar a associação bem organizada, não só pela propaganda que tem recebido dos camaradas de Lisboa, como também pelo trabalho de meia dúzia de cartas que temido em seu seio desde a sua fundação. Mas qual tudo isto tem sido tempo perdido! Esta associação está em piores circunstâncias que em 1912!

Nessa data havia solidariedade, eram todos por um e um por todos. Hoje são todos por nenhum! O egoísmo, a má fé, a falta de senso e carácter, é o que predominam!

Está tudo corrompido! Há um ano a esta parte que, direito a umas empregadas, a associação perigia! O bom senso foi derrotado, e venceu o egoísmo, a má fé, e não sei que mais! A minha revolta foi e é tanta, que a pena se me recusa a escrever mais sobre este assunto.

O que se dá em Vila Franca tem sido nos demais pontos do país a onde existem ou existiram Sindicatos Rurais. Dezenas de camaradas de outras localidades que aqui tem vindo parar, consta-me o estado caótico em que se en-

contram as associações rurais por essa parte.

Por toda a parte a mesma demência! Por toda a parte a taberna preferida à associação!

E falou-se para ai tanto em Revolução Social, sem só pôr os olhos na falha de educação e organização rural, que, como diz M. F. Quartel, a maior parte dos trabalhadores do campo ainda hoje vão para onde os patrões os querem levar. E isto é a pura da verdade, que não pode nem deve ser ocultada.

Nada de fantasiar, que a Revolução avinhosa-se e a impreparação é temível!

Não bringuemos às revoluções, como diz C. Rates!

Janeiro de 1921.

Francisco DIAS

MUNIÇÕES

PARA "A BATALHA"

Transporte..... 20.104\$99

Recebido na administração:

Manuel V. Medeiros, New Bedford..... 5\$55

João Arriegas..... 5\$0

João Lopes Pisa..... 2\$0

Augusto Campos Baptista, L. A..... 28\$00

A. S. M..... 12\$25

Quete aberta entre o pessoal da Casa da Moeda..... 15\$00

Ernesto Ribeiro, Pórtio..... 3\$7

Quete na Associação dos Fabricantes de Armas e Ofícios Acessórios..... 70\$21

António de Castro, Reims, França..... 17\$25

Duarte M. da Silva, Pórtio..... 5\$0

João Bouca..... 2\$00

Henrique de Almeida, Pórtio..... 15\$00

Manuel Ventura..... 5\$0

José Costa Lima..... 5\$0

Francisco Crasto..... 8\$85

Eduardo Guerra..... 10\$00

Joaquim Marques..... 18\$00

Quete aberta pela Associação dos Trabalhadores Rurais de Odemira (1)..... 6\$40

Quete aberta pelos Jovens Sindicatistas de Vendas Novas (2)..... 5\$50

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 1 — Associação de C. dos T. Rurais, 3\$00; António Lourenço, 2\$00; José Ludovino, 5\$0; José da Silva Campos, \$30; E. M., \$10; José Marrellos, \$50.

Lista n.º 2 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 3 — Associação de C. dos T. Rurais, 3\$00; António Lourenço, 2\$00; José Ludovino, 5\$0; José da Silva Campos, \$30; E. M., \$10; José Marrellos, \$50.

Lista n.º 4 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 5 — Associação de C. dos T. Rurais, 3\$00; António Lourenço, 2\$00; José Ludovino, 5\$0; José da Silva Campos, \$30; E. M., \$10; José Marrellos, \$50.

Lista n.º 6 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 7 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 8 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 9 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 10 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 11 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 12 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 13 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 14 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 15 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 16 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 17 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gonçalves, sapateiro, \$50; José Capato, sapateiro, \$50; Adriano Pimenta, corticeiro, \$50; Joaquim Nodam, corticeiro, \$50; Leonel Passos, ferroviário, \$50; Artur Cordeiro, corticeiro, \$50; Joaquim Mauro, corticeiro, \$50; António Caeiro, corticeiro, \$50; José R. Passos, ferroviário, 50.

A transportar.... 20.248\$57

Lista n.º 18 — Simões Rodrigues, ferroviário, \$50; Carlos Sousa, ferroviário, \$50; João Gon